

HANSENOLOGIA INTERNATIONALIS

Hansen. Int.

A história de dois apelos para banir o termo "lepra" e a dura lição para a América Latina

EDITORIAL

O Dr. Stanley G. Browne convidou o signatário para relatar sobre o estigma da "lepra" em duas oportunidades:

1. Como Editor da "Leprosy Review", para os leitores da revista (1972)
2. Como Secretário-Tesoureiro da "International Leprosy Association", para o Conselho desta, por ocasião do X Congresso Internacional de Lepra (Bergen, 1973)

Em ambas as ocasiões os convites foram prontamente aceitos e os argumentos contra o termo "lepra" bem entendidos, mas os apelos para bani-lo recusados. A história é muito esclarecedora e deveria merecer a melhor atenção por parte dos Governos latino-americanos.

ARGUMENTOS ACEITOS/APELOS REJEITADOS

1. No artigo "The serious Latin-American problems caused by the complex Leprosy : The Word, The Disease and an appeal for world co-operation" (3) foram amplamente documentados

todos os malefícios (morais, sociais e profiláticos) causados à América Latina pelo ignominioso termo "lepra" e refutados todos os argumentos habituais para conservá-lo. Terminava com apelo aos países desenvolvidos de língua inglesa e francesa — que tinham herdado as palavras. "leprosy" e "lèpre", mas *lido* a doença — para que banissem essas palavras em benefício das nações latino-americanas em desenvolvimento, que tinham tido o infortúnio de herdar *tanto* a palavra "lepra" *como* a doença.

Em número subsequente do periódico, os argumentos para a alteração terminológica foram praticamente aceitos, mas o apelo foi criticado e rejeitado por dois motivos:

- a) por motivo financeiro, um membro da "Leprosy Relief Association" ("LEPRA") de Londres, mantenedora do referido periódico, admite (6) que "se aborda o artigo com profunda humildade, e com o reconhecimento de que esse apelo, profundamente sentido, é para auxílio em problema local". *"Isso, por sua vez, provoca desejo de concordar com as recomendações"* (grifos do signatário).

Esta valiosíssima cooperação, entretanto, nos foi negada. Duas linhas do sumário resumem seu ponto de vista : "Apesar dos argumentos lançados em *Leprosy Review* (1972) 43, 69-105 (*), é o caso de se manter a essência da terminologia corrente relativa à lepra, especialmente por seu valor para angariar donativos" (grifos do signatário).

- b) pelo motivo "indiferença", o artigo também foi castigado no mesmo número. O Editor do "International Journal of Leprosy" escrevendo em caráter privado como membro do "Leprosy A t e l i e r" de Honolulu, Havai (4) admite que os argumentos favoráveis às alterações terminológicas brasileiras "talvez estejam bem apanhados". Trata-se de progresso auspicioso, considerando-se o conhecido passado antagonista do Editor. O apelo, porém, foi rejeitado :

"Na verdade, eis um Motivo *para se estranhar o esforço para mudar um hábito mundial* (a palavra "leprosy"), para *promover modificação social e cultural no Brasil*" (grifado pelo signatário).

(Para ser exato, nem se trata de "hábito mundial" mas apenas de palavra das línguas anglo-latinas, nem se trata do Brasil apenas, de acordo com o título e texto do apelo, mas de toda a América Latina e todos os outros países que usam essas línguas).

2. O relatório verbal ao Conselho da I.L.A., teve final ainda mais triste. Apesar de apoiado por 117 signatários de 15 países, o apelo para "estudar a possibilidade de nova terminologia" foi formalmente rejeitado. É verdade

que o Conselho reconheceu os problemas causados pela palavra "lepra" em alguns países, que foram "liberados para escolher qualquer outro nome que lhes fosse mais conveniente".

Contudo, mesmo este confuso e ineficaz prêmio de consolação desintegrou-se em algum lugar. O reconhecimento jamais foi publicado pelo "Journal" oficial, embora tivesse resultado de duas reuniões do Conselho. A não ser os Conselheiros presentes à segunda reunião, nenhum outro membro da I.L.A. teria sabido dessa nova política, se não fossem uma reportagem do "Star" (2) e, três anos depois, a decisão de nossos periódicos de publicar a notícia, atrasadamente (1).

A DURA LIÇÃO PARA A AMÉRICA LATINA

Os latino-americanos que ainda tenham alguma dúvida sobre a malignidade moral, social e profilática do termo "lepra" e de todos os seus estigmatizantes e antieducativos derivados ficam aqui novamente informados de que *tal malignidade foi reconhecida oficialmente pelo Conselho da I.L.A., assim como, semi-oficialmente, pelo Editor do "International Journal of Leprosy" e por membro representativo da "LEPRA" de Londres, mantenedora do "Leprosy Review"*.

Também deve ser dolorosamente reconhecido que tal malignidade muito provavelmente continuará causando danos por muitos e muitos anos.

É de se presumir que a maioria dos autores de língua inglesa e francesa tão cedo não vão mudar seus hábitos para "promover modificação social e

(*) As páginas desta referência abrangem editorial do mesmo número de "Leprosy Review" (5), não contrário à alteração terminológica, no qual o Editor pergunta: "A palavra 'leproso' está oficialmente banida; liso deveria acontecer o mesmo à 'lepra'?"

cultural no Brasil" — ou em qualquer outro país latino-americano endêmico em desenvolvimento. Isto não se baseia apenas no ponto de vista do Editor do "Journal", que reflete, aliás, a opinião da maioria nos Estados Unidos e Reino Unido, mas também no conhecido fato de que 46 anos depois da condenação da palavra "leproso" pela Conferência de Manila (1931), ratificada por Congressos sucessivos da I.L.A., seu equivalente "lépreux" ainda abunda ominosamente na literatura médica francesa. As coisas seriam certamente diferentes se a "lepra-doença" também abundasse na França, Grã-Bretanha, Estados Unidos e Canadá, países cujos problemas sociais e culturais não seriam tão categoricamente desprezados.

É de se presumir, também, que a "LEPRA" e a "Leprosy, Review" não vão se dispor, deliberadamente, a sofrer prejuízos financeiros para ajudar a América Latina com terminologia nova, educativa e não-estigmatizante. A I.L.A. nunca aceitou a idéia de mudar seu próprio nome no passado e não parece disposta a fazê-lo no presente. A Organização Mundial de Saúde parece acompanhar a posição da I.L.A. sobre o assunto, pelo menos até o presente.

CRUZAR OS BRAÇOS OU LUTAR?

Os obstáculos são praticamente intransponíveis e podem desencorajar muitos. Outros poderão julgar mais honroso continuar lutando e morrer de morte honrosa. Para estes sobram algumas armas.

Os países latino-americanos poderiam, por exemplo, adotar oficialmente o termo "Hanseníase", como fez o Brasil, ou "Doença de Hansen", recentemente adotado pelo Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, ou ainda "Hansenose", recomendado ao Governo

Peruano pelo Seminário "Hugo Pesce" em Pucallpa, Peru, 1974.

A outra arma é *União*. *Unidos* poderíamos planejar estratégia comum para evitar ou diminuir os problemas causados pelo "leprostigma" importado, que continuará invadindo nossos países, desmoralizando nossos cidadãos e transformando nossos programas educativos e profiláticos.

Unidos, poderíamos decidir unilateralmente substituir o ignominioso *Mycobacterium leprae* oficial por um *Mycobacterium hansenii* (Feldman, U.S., 1953).

Unidos, teríamos mais forças para chamar a atenção tanto da O.M.S. quanto da I.L.A. para nossos graves problemas sócio-médico-lingüísticos e talvez receber delas o benefício de valiosa cooperação. *Unidos*, poderíamos apelar para a consciência de nossos colegas de língua inglesa ou francesa, talvez convencendo alguns, pelo menos, de que sua colaboração para apagar um estigma — e uma doença — de nossos desprivilegiados países é compensação ampla para o aborrecimento relativamente pequeno de substituir a temível e aterrorizante "Leprosy/Lèpre" por "Hansen's Disease", "Maladie de Hansen", "Hansenosis", "Hanseniasis" etc. Se "sexualmente transmissíveis" é agora o substituto oficial das estigmatizantes "doenças venéreas", não há razão para que "lepra" também não seja substituída.

Unidos poderíamos ousar convencer algumas associações beneficentes de que não há caridade em dar para alguns à custa do sofrimento de muitos; e mesmo de que há muito mais caridade em apagar essa mancha negra de um mundo civilizado — o pejorativo "lepra" — que em fornecer alimentos, abrigo e cuidados médicos para uma pequena parte dos que disso realmente necessitam.

ONDE E QUANDO?

Uma nova associação de hansenologistas latino-americanos ou um grupo informal dentro dos quadros da I.L.A. poderiam ser considerados. A última sugestão teria a vantagem de já poder começar a trabalhar no Congresso Internacional da Lepra, México, 1978 — se recebermos nomes e comentários em tempo útil.

Contudo, acreditamos que o foro ideal será o Colégio de Hansenologia dos Países Endêmicos, em organização. Um de seus objetivos importantes é o estudo de todos os fatores sociais que estão criando problemas nas áreas endêmicas,

bloqueando a educação e o controle da doença. Aí encontraríamos colegas de países não-cristãos que também têm problemas com seus pejorativos locais — e ainda colegas de países desenvolvidos e não-endêmicos dispostos a nos ajudar.

A propósito, talvez seja surpresa para uns poucos que já contamos entre os Fundadores do Colégio com alguns especialistas franceses e norte-americanos cooperando para "promover modificação social e cultural" em nossos desprivilegiados e endêmicos países em desenvolvimento.

ABRAHÃO ROTBERG

REFERENCIAS

1. CONSELHO da Associação Internacional de Lepra reconhece os problemas causados pelo termo "lepra". *Hansen: res. not.*, 7:348. 1976; *D. Hansen*, 1:152, 1977 (Notícias)
2. CORSON, M. Clings to term leprosy. World's HD experts gather at 10th International Congress. *Star*, 33:2,15, 1973.
3. ROTBERG, A. The serious Latin-American problems caused by the complex "Leprosy: The Word, The Disease" and an appeal for world co-operation. *Lepr. Rev.*, 43:96-105, 1972.
4. SKINSNES, O. K. Letter to the Editor. *Lepr. Rev.*, 44:94-95, 1973.
5. THE STIGMA of Leprosy. *Lepr. Rev.*, 43:69-72, 1972 (Editorial)
6. STRINGER, T. A. Leprosy and "a disease called leprosy". *Lepr. Rev.* 44:70-74, 1973.